



Diana

Alexandre Bonafim*

À memória de Eugênia Sereno, a encantada escritora de “O pássaro da escuridão”

As patinhas sempre arranhavam o cimento, repletas de ansiedade e espera. A qualquer momento ele poderia sair, ganhar mundo, perder-se pelas ruas, confundir-se com os carros e os demais transeuntes. A qualquer momento ele poderia perder chão, ganhar infinito, desentortar estradas, grifar no solo seu olhar cansado e sem brilho. Por toda a vida ele sempre teve os olhos voltados para as calçadas, tombados sobre as pedrinhas das sarjetas. Sempre teve vocação para caminhos tortos e serpenteados. Sempre teve o dom de desencaminhar-se pelo mundo. Por isso amara tanto as filhas, a esposa. Por isso concedera sua alma às lágrimas de seresteiro, de coração materno, bem à moda de Vicente Celestino. Era tão sentimental quanto um bolero de baile de roça, tão saudosista e melancólico quanto uma cantiga de praça de cidadezinha interiorana.

Naquela época, os cabelos encanecidos aureolavam sua cabeça já caduca, já sem tino e sem certeza. Por isso ela o acompanhava, ela o perseguia. Tinha medo dele se perder para sempre. Receava que algum atropelamento, alguma maldade do mundo o ferissem. Então ela se punha perdigueira, assaz intuitiva, para que, no exato momento em que a porta se abrisse, pudesse ganhar o mundo juntamente com o seu dono, seu amigo sempre afável e cataroleiro.

A família entrava em pânico. “Como pode um homem de mais de oitenta anos, sem o juízo perfeito, andar assim, qual um moleque de rua, pelos desvãos da cidade? É perigoso demais”. Dizia minha tia. “Ele pode se perder, ou pode acontecer qualquer perigo”. Apavorava-se minha mãe. O fato era que meu avô não dava ouvidos aos pedidos aflitos das filhas. Só dava atenção ao zunir do vento, ao canto solto dos canarinhos, ao tremular das árvores de toda esquina. Seguia rastro de nuvem, ou escuridão de chuva. E, quando a tempestade emborcava pelo mundo, lá ia ele, chapinhando pelas poças, assoviando pela tempestade

* Alexandre Bonafim (n. 1976, Brasil) é poeta e ensaísta. Autor do livro *Biografia do deserto* (2006), escreve regularmente no blog <http://arquipelagososilencio.blogspot.com>.



afora. Em épocas de estiagem, gostava de ter a cuca cozida pelo sol do meio-dia. Preferia morar no sem pouso, no sem destino. E caminhava, caminhava, sem cessar, como se tivesse como meta alcançar os confins da morte, atingir o além da vida.

Já fazia tempo que voltara a ser criança. Babava sem razão, pegavam-no jogando bolinha de gude com a netaiada, soltando pipa pela azulação da tarde. E se, como nós, não colecionava as figurinhas dos jogadores de futebol, ajuntava coiserada sem valia, sem função. Enxada enferrujada, relógio sem ponteiro, gaiola sem portinha e, claro, sem passarinho, geladeira de 1900 e bolinha, cadeira sem uma das pernas, panela furada, ventilador sem hélice, pedrinhas de “córgo”, aquário de vidro quebrado, pneu todo furado, bicicleta enferrujada, sem roda, sem banco, buzina de carrocinha de picolé, um monte de bandeirinhas de São João, todas rasgadas ou furadas, sapatos sem sola, fogão sem fogo, latrina sem serventia... E não tinha fim o quartinho dos fundos, onde ele amontoava tudo, sempre achando um lugarzinho para a infinidade das coisas. Deu de, certa vez, soltar lá, nessa salinha de desusos, um porquinho-da-índia. Até ontem nunca mais vimos o tal animalzinho. Sumiu para sempre naqueles cafundós de tranqueiras, todas sem prestação de serviço. Enfim, era um homem que adorava a poesia das inutilidades. No fundo, ele gostava de enfeitar a vida com as coisas para sempre perdidas. Era o seu jeito de alertar a todos nós, sobre a própria desfunção do tempo, sobre a verdade inexorável do existir, pulsação a nos levar sempre para a inutilidade de nós mesmos, para o vácuo das despedidas.

Também adorava conversar com alma de outro mundo e com a laranjeira do quintal. Ficava proseando, liricamente, com folhas e laranjas e fantasmas, muito falaz e gentil com os galhos e o invisível. Sua mãe, a Nona, morta há muitos anos, visitava-o, quase todas as manhãs. “A Nona mandô bom dia pra todo mundo. Ela tava tão fromosa hoje, falou inté italiano cumigo”. No fundo, sempre conversava conosco e com o mundo em língua estrangeira, fala de país nenhum.

Só a cachorra o compreendia de fato. Os olhinhos dela eram inteirinhos lacrimosos, sentimentais, açucarados, principalmente quando ela o olhava, plena de namoramento. Ela o compreendia com tanta veemência, com tanta eloqüência... Diana caçava o destino das ruas para ele. Tinha a pelagem cor de mel, as



patinhas fagueiras. Os olhos eram duas jaboticabinhas com cílios bem graciosos, ondulados. O focinho, quando cheirava as pernas dos netos, era geladinho, formoso, bem feitinho. Ela toda era um denço. Pulava, fazia festa com a meninada. Mas quando meu avô estava perto, só tinha atenção para ele. Nem o mundo existia mais para ela. Ficava ali, abanando o rabão sedoso no chão e, de tão emocionada, fazia xixi, tamanha era a alegria de estar próxima dele.

Uma vez, numa dessas viagens pelo sem rumo, pelas ruas baldias, ela foi heroína. O avô, encurralado na parede da esquina, sofrera assalto, quase perdera a vida. O ladrão, com canivete em punho, queria o relógio de bolso, já que ele nunca tinha tostão nenhum. “Esse relógio eu não dou não, é a riqueza da minha vida...”. Retrucou com a fala embargada e tremulante. Diana não se conformou com aquilo. De princípio nada entendera, não se atinara para o perigo da circunstância. Mas quando ela ouviu a vozinha dele, embargada, sofrida, um fiozinho de voz amuada, fez-se valente. Latiu, voou com fúria na mão do vilão. Rasgou o dedo do ladino que, cagando de medo, fugiu, deixando o canivete ali, no chão, aos cuidados de meu avô. Toda a família entrou em desespero. “Como pode isso acontecer? É o fim do mundo”. Mas o mundo nunca acabava para ele. O avô sempre andava para mais longe, até o fim da linha dos horizontes.

De toda essa confusão, ficaram duas certezas. A primeira era a valentia da cachorra, fiel escudeira de meu avô. A outra era a causa da “diabete” dele: o susto do assalto. Nunca mais pôde comer doce. Todavia, os bolsos viviam sempre e sempre cheinhos de bala de todos os sabores, morango, abacaxi, hortelã, amora, framboesa, tuti-fruti... A netaiada ficava louca. Ele só levava o dedo em riste aos lábios e fazia um xiiiiiiiiiii... “Num conta pras mães docês, hein...”. Era o seu pequeno delito, o seu sagrado jeito de ser torto no mundo.

Tinha também um Ford da época do Mazarope. Velho, quase desmontado de tão antigo. Mas vivia limpinho, lustroso, vermelhão que nem o sol. Quando guiava, gostava de ouvir Cascatinha e Inhana. “Meu cafezal em flor, tanta flor meu cafezal, ai menina, branca flor do cafezal”. Um dia, fomos passear em seu Ford. Ele nem viu o homem de bicicleta. Aliás, já fazia tempo que ele quase já nada via. Raspou o carro no guidão da bicicleta, o homem fez um poffffff... Estatelou inteiro no chão. No entanto, o avô seguiu viagem, assoviando, sem perceber o



acontecido. As filhas não agüentavam, quase tinham ataque de coração. “Onde já se viu, não pode mais com a idade! Além de andar de a pé, quer dar voltinhas galantes de carro vermelho”. Quando saía com o Ford, Diana ficava desconsolada. Corria atrás do automóvel, até botar a linguona para fora. Corria, corria, corria... Mas era em vão. Ele se punha galã, quando guiava o carro vermelho. E sumia, desaparecia do mundo. Enquanto não voltava, Diana se perdia por vielas, por ruas, por avenidas. Por onde andaria o coração dela? Todavia, quando o carro despontava lá no princípio da rua, latia sem parar, fazia festa, perdia a solidão. Com o avançar da idade, o avô foi deixando o volante, as coisinhas do existir. Com o avançar das horas, ele já nem sequer andava mais.

Um dia, eu já adolescente, fui “posar” com ele no hospital. Naquele tempo, o coração do avô já não andava seresteiro. Era, constantemente, internado, por conta das lentas batidas do peito. Era época de prova no colégio. Eu tinha de ler os livros de literatura brasileira. Vidas secas, a minha e a dele naquela noite. “Mas para quê cê gasta tanto os óio nessas letra? Que história é essa que tem ai, hein? Conta pra mim”. Era a história da cachorra Baleia, da Sinhá Vitória, do Fabiano. Narrei-lhe as aventuras daqueles retirantes, daqueles seres vivos a nos circundar naquela noite de prosa e solidão. Ficou comovido com a cachorra sentimental, inteligente que nem pessoa. Lembrou-se de Diana. “Óia fio, cuida daquela cadelona véia, ela é a minha Baleia. Tá descaderada já, mais ela já me salvou a vida, cuida dela viu fio”. Deu um nó em minha garganta. Parecia despedida. “Mas vô, para quê eu vou cuidar da Diana, o senhor em breve estará juntinho dela”. As lágrimas quase me assaltaram, quando a enfermeira foi trocar-lhe a fralda geriátrica. Todo ele banhou-se em fezes, tal como um bebê gigante, tão fraquinho, tão sem defesa diante dos segredos do mundo...

Mas de sua fraqueza nascia a sua coragem, logo voltava para casa. Recobrava a saúde. Tinha sede de respiração, fome de horas. Gostava de mastigar a vida, como uma bala bem gostosa, de tuti-fruti... Então se punha a limpar o carro, a lustrar a velharia do quartinho, a conversar com a Nona, com a tristeza da laranjeira. “Essa laranjeira anda triste urtimamente, ela num qué dá flor...”.

Era verdade, chegou o dia em que a laranjeira não mais floriu e ficou muda. Foi uma manhã sem o bom dia da Nona, sem o cantarolar do Cascatinha e da Inhana... Teve vontade de comer pamonha. “Ritinha, minha fia, compra pamo-



nha pra mim. Tô com uma vontade...”. Quando minha tia chegou, ele já não estava mais no ar, tinha a cabeça zonga, estava quase inconsciente. Desesperada, minha tia o abraçou, o tomou entre os braços. Correu com ele para o carro vermelho... A cachorra, intuitiva, percebeu o que acontecia. Enquanto minha tia, em sua solidão de mulher corajosa, enfrentava o peso do avô e da morte, Diana latia, gania. Na hora em que o carro, enfim, partiu, a cachorra disparou atrás deles... As patinhas dela, ressequidas de ternura, puseram-se a correr, a rasgar o asfalto. Tinha no coração um desespero, um sentimento de chumbo, de pedra partida. Ela correu como nunca antes. O Ford sumia pela rua, mas ela não desistia, corria atrás, fiel e desorientada. Ela não sabia, mas aquela correria, dessa vez, era para sempre. Ao virar a esquina, o carro, finalmente, perdeu-se pela eternidade afora... Diana ainda hoje corre atrás daquele Ford mágico, cheio de música e melancolia...